

ARTE E LOUCURA: EXTERIORIZAÇÃO E REORGANIZAÇÃO DO MUNDO INTERNO

ART AND MADNESS : EXTERIORIZATION AND REORGANIZATION OF THE INNER WORLD

MELLO, L. R¹. GUIMARÃES, A. L. B².

^{1e2} Departamento de Licenciatura em Artes Visuais. Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM.

RESUMO

Silenciada pela razão do homem clássico, a loucura torna-se doença e exclusão, gerando três séculos de clausura, tortura, descaso e preconceito. Embora ainda vista como uma espécie de desordem interior, seu conceito vem se modificando ao longo dos tempos e das diferentes investigações sobre o tema. Foucault (1975) vem questionar sobre o conceito de loucura e maus tratos nos hospitais psiquiátricos. Jung (*apud* SILVEIRA, 2015) com sua psicologia analítica traz conceitos sobre a loucura e a possibilidade da mesma, por meios psicológicos, utilizar a arte como ferramenta. No Brasil, aparece Nise da Silveira, precursora no movimento antipsiquiatria e também no tratamento da esquizofrenia pela terapia ocupacional, principalmente dentro das áreas plásticas da arte. Neste contexto, a arte seria uma possibilidade limítrofe de expressão interior. Baseada na psicologia junguiana, na catarse artística e na visão da doutora, busca-se, com esse artigo, esclarecer o conceito de loucura e também validar a arte como possibilidade de expressão e reorganização do mundo interno.

Palavras-chave: Arte. Loucura. Expressão Artística.

ABSTRACT

Silenced by reason of the classical man, madness becomes disease and exclusion, generating three centuries of confinement, torture, negligence and prejudice. However still seen as a kind of inner disorder, his concept has been changing over time and the different investigations about the subject. Foucault (1975) has questions about the concept of madness and maltreatment in psychiatric hospitals. Jung (*apud* SILVEIRA, 2015) with his analytical psychology brings concepts about madness and the possibility of it, by psychological means, using art as a tool. In Brazil, appears Nise da Silveira, pioneer in anti-psychiatry movement and also in the treatment of schizophrenia by occupational therapy, especially in the visual areas of art. In this context, the art could be a possibility intimate interior expression. Based on Jungian psychology, artistic catharsis and in view of the doctor, looking up, with this article, clarify the concept of madness and also validate the art as a possibility of expression and reorganization of the internal world.

Keywords: Art. Madness. Artistic Expression.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o tema da loucura envolve o homem em uma teia de mistérios em torno da mente. Arte e loucura se entrecruzam pela história do homem ocidental, ora de forma trágica ora como detentora de uma sabedoria mística, até chegar à era clássica em que o devaneio passa a ser excluído, recebendo também a chancela de doença (FOUCAULT, 1975). No século XX surge a possibilidade de que a loucura seja uma tentativa de auto cura da *psique* humana e que a arte seja vista

¹ Licenciado em Artes Visuais.

² Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

como uma ferramenta de grande importância no processo de cura da esquizofrenia¹ através da expressão artística e exteriorização do mundo interior (SILVEIRA, 2015).

Diante destes fatos, o presente artigo levanta o seguinte problema: qual a relação da arte com o homem e a loucura, a partir do momento em que a primeira é concebida como ferramenta de cura pela expressão no mundo interno do homem?

O objetivo do presente trabalho visa estabelecer as relações entre a arte e o signo de loucura para que não só se elucide o conceito que se tem sobre este último, como também se dê o devido valor à arte como a forma de expressão mais íntima do ser humano e força instintiva de exteriorização do mundo interno, com seus efeitos de reordenação da mente e também como tentativa de autocura para a psique por aqueles que pelo decorrer das veredas da vida, encontram-se em “estados inumeráveis e cada vez mais perigosos do ser” (ARTAUD *apud* SILVEIRA, 2015, p. 19).

A investigação a partir de estudos e análises teóricas a respeito do tema, se faz importante para que o fazer artístico seja compreendido para além de mero instrumento psiquiátrico e seja entendido como possibilidade criativa de reorganização do mundo interno do ser, pautando-se pela exteriorização das emoções e dando o devido valor que lhe cabe dentro do leque de potencialidades das artes; para que o tratamento dos desrazoados dentro da instituição psiquiátrica não seja opressivo e massificante; para que se elimine o preconceito da sociedade sobre os desrazoados; para que o medo do estranho e do desconhecido não nos impeça de refletir sobre o que se passa com estes indivíduos e, como um espelho ou mapa do mundo interno, nos leve a refletir sobre nós mesmos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de ordem qualitativa, na modalidade bibliográfica, cujas fontes de pesquisa se baseiam em livros, teses e estudos autônomos, buscando traçar os caminhos aos quais arte e loucura se entrecruzam.

A começar com Pelbart (1989), que em seu livro “*Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura*”, que trata sobre a figura formada sobre o signo da loucura na civilização grega com seus rituais com expressões artísticas dedicados a deuses. Depois, com Foucault (1975), que traça uma linha da idade média, passando pelo homem clássico até o surgimento das instituições psiquiátricas.

Para pesquisar a história de Nise da Silveira e seu pensamento em geral sobre o tema, utilizou-se o livro “*Nise da Silveira: Uma psiquiatra rebelde*”, de Luiz Carlos Mello (2015). Com Silveira (2015) é abordado o tema da antipsiquiatria e da arte como forma de expressão a partir de pesquisas realizadas por ela mesma no hospital psiquiátrico em que trabalhou, o que a levou a criar o Museu do Inconsciente, com a intenção de ser uma ferramenta de pesquisa. Posteriormente, a intenção era publicar o livro “*Imagens do Inconsciente*”, que será objeto de estudo sobre suas investigações cunhadas na psicologia junguiana, evidenciando o poder do fazer artístico e também da pintura no tratamento psiquiátrico, gerando uma nova visão ao conceito de loucura e de ampliação da própria arte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes vista pelos gregos antigos como detentora de uma grande sabedoria, advinda de uma força inumana e divina (PELBART, 1989), a loucura virá a ser parte do fascínio renascentista, ocupando um lugar no imaginário do homem europeu. Mais tarde, vem a perder a sua legitimidade, pelo homem clássico que se julgou dono da razão (FOUCAULT, 1975).

Pelbart (1989) vai buscar os signos da “*mania*” (loucura) desde a antiga Grécia em que é colocada no patamar de uma força divina, detentora de uma sabedoria inumana. Pelbart menciona que Sócrates (399 a.C.) categoriza o signo loucura em dois tipos: a humana e a divina. A primeira referindo-se àquela produzida por doenças humanas, ou seja, o desequilíbrio biológico; e a segunda refere-se a uma força divina que impossibilita o homem comum de exercer seus hábitos cotidianos. Platão privilegia nitidamente a loucura divina, e nela, a “boa” loucura, aquela que, segundo ele, é efeito de um favor divino. Platão associa delírio ou loucura (*mania*) à arte divinatória (*mantikê*). Pelbart diz que, segundo Platão,

[...] os antigos (provavelmente refere-se à Grécia arcaica) viam no delirante (*manikê*) um adivinho, enquanto os modernos (seus contemporâneos) teriam introduzido um t no manikê, forjando o termo mantikê para designar divinatório, diferenciando-o do delirante. Ou seja, na origem, “divinatório” e “delirante” eram nomeados por uma mesma palavra porque eram uma única coisa. (PELBART, 1989, p.25).

Desta forma, Pelbart (1989) supõe que na Grécia antiga era preferível que o homem tivesse sua sanidade corrompida por um deus, do que fosse disposto do bom

senso de um homem comum. O autor também olha para os escritos de Platão sobre os cultos a Dionísio. Conforme a cidade ou a época, ele era considerado o deus do vinho, da fecundidade, da caça, da música, da alegria ou da vida, mas, de qualquer forma, o culto celebrado tinha um caráter de exaltação e excesso. Era tido como o deus que trazia aos humanos a natureza e a liberdade.

Entre essas festas, havia a celebração das Mênades, ou Bacantes, mulheres que a cada dois anos subiam ao topo do Monte Parnaso e se entregavam às orgias, ao êxtase dos sentidos e aos entusiasmos violentos, liberavam gritos selvagens diante a música contagiante. A partir do século V a.C. começou a ser feito, por meio dos Coríbandes, a “cura” da loucura através do ritual da dança orgástica, acompanhados por gritos selvagens e música frenética de flautas, tambores e címbalos.

Para o grego antigo, o louco é acompanhado da presença divina, então não se realiza a cura, descobre-se o ‘deus interior’ e alimenta-o para que apazigue a fúria sobre o ser. O deus não é retirado do corpo do indivíduo, sendo que, este tem facilidade para o contato com o divino, criando a possibilidade de vir a ser um Coríbande – a pessoa apta a realizar os rituais de cura.

Aqui não cabe a nós esse julgamento, mas apenas entender que o louco nessa época não foi visto como personagem a ser excluído, mas como o outro em contato com o divino e cabia a arte, apaziguar forças maiores. A desrazão nessa época não é desqualificada.

Já Foucault (1975) diz que após a Idade Média, a loucura se apropriará de simbologias de outro mal. Ela viria no lugar da lepra, doença que se espalhava por toda Europa. O homem cristão crê que a doença advém de um castigo de Deus, excluindo-se a possibilidade de cura, apenas sujeitando o leproso a exclusão do meio social para que assim consiga sua salvação. Com isso, são criados diversos locais para isolar o leproso. Com o fim das cruzadas, acaba-se o contato com a infecção da doença e a lepra desaparece, deixando um espaço vago na estrutura de exclusão.

As doenças venéreas aparecem, e isolam os infectados nos mesmo lugares que antes serviam aos leprosos. A partir do século XVII, os loucos passam a ser trancafiados também nestes locais. Os valores e as imagens atribuídas ao personagem do leproso valerão também ao insano, pela exclusão desse personagem do seu grupo social.

Mas antes da loucura vir a ser dominada, no século XV ela estará ligada ao imaginário do homem renascentista como uma experiência trágica contraposta a uma consciência crítica, vindo a ser celebrada de modos diversos, nas artes, na filosofia e em diversos textos literários, testemunhando diferentemente seu enigma. Em seus diálogos e jogos acadêmicos, é o louco quem traz o homem para perto da razão e da felicidade. Diferente da loucura que cega e leva o homem a perdição, o louco lembra o homem a sua verdade. Através das sátiras críticas e morais é ele quem “[...] diz o amor para os enamorados, a verdade da vida aos jovens, a medíocre realidade das coisas para os orgulhosos, os insolentes e os mentirosos” (FOUCAULT, 1975, p.19).

Na Renascença o homem e sua arte já não estarão mais estritamente vinculados à Igreja. A conexão entre a arte e o simbolismo gótico, que incumbia o catecismo da ideologização de saberes cristãos, não se fará mais presente, e a arte passará a adquirir um novo patamar de simbolização e de significações.

As figuras fantásticas de animais eram vistas neste período como que um dos segredos e uma das vocações da natureza do homem, que ostentavam simbolicamente os valores da humanidade. A figura se torna parte do fascínio humano diante de que, tudo o que vem a ser tomado nele como impossível, fantástico e inumano, é designado a ele como atributo de poder e detentor de sabedoria, que revela as verdades internas do homem. A loucura também é inserida num universo moral, nas falhas e fragilidades do homem.

A partir do século XVI todo o enigma da loucura representado nas imagens, começa a perder a sua força mística, e em cem anos, o título de reveladora de verdades do ser através de uma verdade moral se esvai, para vir a se tornar objeto de discurso de uma consciência crítica que aponta a loucura como defeito, doença e falha do ser humano. Aos poucos, todo esoterismo criado sobre o signo da loucura na renascença, é silenciado por essa consciência crítica da loucura em suas formas filosóficas, científicas, médicas e morais.

A partir do século XVIII, com o surgimento da psiquiatria, o devaneio se torna uma matéria de estudo da medicina. Excluindo a necessidade de um tratamento psíquico, voltava-se apenas para o biológico, submetendo o indivíduo a tratamentos que o levam a um estado quase vegetativo (SILVEIRA, 2015).

A loucura, dominada pela razão do homem clássico, passa a ter as casas de internamento como local de morada, que fora antes ocupado pelos leprosários. O

Hospital Geral acabava não sendo um estabelecimento médico, mas sim, uma estrutura semijurídica, pois eram os tribunais quem decidiam, julgavam e executavam a ordem de internação, longe de se ter presente qualquer tipo de conceitos médicos, apenas a exclusão. Para Foucault “[...] O Hospital Geral é um estranho poder que o rei estabelece entre a polícia e a justiça, nos limites da lei: é a terceira ordem da repressão” (FOUCAULT, 1975, p.57).

Ao lado de pessoas consideradas boas ou más, pobres e vagabundos, o que diferenciava o insano dos outros internos dos asilos era a sua dificuldade para exercer o papel de mão de obra para o comércio e também os obstáculos para seguir dentro dessas instituições uma vida coletiva. É então descoberta, no século XVIII, a grande necessidade de conferir ao insano um regime diferenciado. Para Foucault isto acontece no momento em que a loucura passa a ser “(...) percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo” (FOUCAULT, 1975, p.89).

As razões de internamento começam a tender para o âmbito das faltas morais, dos conflitos familiares e da libertinagem, aproximando estes fatores da ideia de loucura. Cita Foucault, que como internos dos hospitais estavam cidadãos considerados como “(...) debochado, imbecil, pródigo, enfermo, espírito arruinado, libertino, filho ingrato, pai dissipador, prostituta, insano” (FOUCAULT, 1975, p.94), figuras que eram socialmente consideradas como seres impuros.

É nítida a herança deixada pelo Classicismo em vários aspectos, sejam elas os motivos das internações, como também as situações de desrespeito e coações psicológicas às quais eram submetidos os pacientes, ou também como instrumento de repressão e controle da burguesia. As relações com a arte foram declinadas pela razão do homem Clássico, mas no séc. XX, elas ressurgem e a arte e a loucura voltam a se inter cruzar.

No séc. XX no Brasil, surgiu Nise da Silveira, uma figura importante para a mudança do conceito que se havia sobre a loucura. Nise criou uma nova forma de terapia, vindo a mudar a visão que havia sobre a esquizofrenia e redescobrir os fios que ligam não apenas a arte à loucura como inclusive ao inconsciente humano.

Nise da Silveira Nasceu no ano de 1905 em Maceió. Em 1926 formou-se em medicina no Rio de Janeiro. No ano de 1944, é admitida no serviço público no Centro

Psiquiátrico Nacional no Engenho de Dentro, que depois veio a se chamar Centro Psiquiátrico Pedro II e atualmente, Instituto Municipal Nise da Silveira. (MELLO, 2015).

Incomodada com os tipos de tratamentos da época, juntamente com o Dr. Fábio Sodré tentou criar atividades diferentes para os doentes, transformando uma das enfermarias numa pequena sala de estar, criando em maio de 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, chamada de STOR. Nela havia núcleos de atividades onde o “principal objetivo era estimular a capacidade de expressão de seus frequentadores” (MELLO, 2015, p.91).

Nise da Silveira (2015), se baseando na psicologia Junguiana sobre os conceitos de loucura, foi a precursora brasileira no tratamento com a terapia ocupacional através das expressões artísticas, defendendo que a visão que se tinha sobre a doença era errônea. Acastelava a ideia de que o devaneio pode ocorrer em qualquer pessoa e que a expressão artística juntamente com o afeto dado a essas pessoas poderiam ser a cura para a esquizofrenia.

Para Nise, o esquizofrênico dificilmente consegue se comunicar com o outro, e sendo o hospital um lugar de coação física e psicológica do indivíduo internado, é na terapia ocupacional que ele encontra o local e as condições necessárias para a livre expressão, o que há de adquirir com ainda mais potencia se houver o chamado *afeto catalizador*, que na concepção da doutora seria a afetividade que se cria com o interno. “Sem acolhimento, essas vivências dificilmente viriam à luz por meio da expressão do imaginário que a arte produz” (MELLO, 2015, p.99). Para amenizar o ambiente triste que era o convívio hospitalar, a doutora adotou animais, que recebiam o título de co-terapeutas, responsáveis por estabelecer uma relação afetiva com o interno.

A arte que começou a ser produzida nestes ateliês visava explorar modos de expressão, que, através da obra produzida, possibilitaria revelar os estados psíquicos dos pacientes quando apenas o ato de falar não é o suficiente, o que traria ao ato um efeito terapêutico.

Para a Doutora Nise, os esforços por parte daqueles que estavam envolvidos com arte não eram os mesmos que a dos psiquiatras brasileiros. Esses que demonstrando pouco interesse, tachavam com expressões de arte psicótica ou arte psicopatológica para aquelas produzidas por internos. Foi fora da psiquiatria que foi desenvolvido um movimento contrário a essa discriminação.

A doutora não discutia a validação das obras produzidas por internos dos hospitais psiquiátricos, deixava isso para aqueles que entendiam de arte. Observava a força de expressão que as obras destes ateliês continham, o que gerou intensas pesquisas pelo interesse científico e utilidade no tratamento psiquiátrico.

Em 20 de maio de 1952 Nise da Silveira criou o Museu de Imagens do Inconsciente com o intuito de servir como material de pesquisa e estudo de imagens e símbolos, assim como para acompanhamento da evolução dos casos clínicos através da produção plástica espontânea. A pesquisa do acervo tem caráter interdisciplinar, pois permite uma troca constante entre conhecimentos de psicologia e psiquiatria, experiência clínica, antropologia cultural, história, arte e educação.

Os ateliês de pintura e modelagem, durante toda a experiência da psiquiatra, foram as atividades que mais fizeram emergir dúvidas sobre o trabalho produzido pelos internos. Em seu livro '*Imagens do Inconsciente*' com sua primeira edição datada o ano 1981, vai buscar respostas onde se encontram as formas mais profundas da emoção humana: nas artes, nos mitos, nas religiões e na literatura.

Para a Doutora Nise o termo doença não é aceito, pois classifica os esquizofrênicos como indivíduos que não conseguem traçar um caminho de volta a sua realidade cotidiana. Diz que o exame verbal que se aplica a eles em clínicas psiquiátricas não é o suficiente, e que é partidária das atividades expressivas, não pela obra em si já concluída, mas pelo caminho que o cliente percorre até a sua finalização. Parafraseia Antonin Artaud (1896 – 1948) para explicar que para ela os doentes estariam vivenciando os “estados do ser inumeráveis e cada vez mais perigosos” (ARTAUD *apud* SILVEIRA, 2015, p.19).

No decorrer de seu trabalho, doutora Nise se deparou com várias imagens circulares ou que continham círculos, e foi encontrar nas religiões orientais as respostas para suas dúvidas, no que se refere às mandalas, que em sânscrito significa círculo. O que levou o seu contato com o psicólogo Suíço Carl Gustav Jung (1875 – 1961). Em abril de 1957 a doutora viajou para Zurique para o encontro com Jung levando as pinturas e modelagens feitas pelos esquizofrênicos vindo a expor no II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique.

O encontro com Jung e com a psicologia junguiana foi fundamental para Silveira formar seus pensamentos sobre o que era a esquizofrenia e a importância que havia a produção de arte não só por esses, mas por todos os indivíduos. Ressalta

também, que após o contato que obteve com a sua psicologia, “(...) delírios, alucinações, gestos, estranhíssimas imagens pintadas, torvavam-se menos herméticas” (SILVEIRA, 2015, p.13)

Em seu livro dedica um capítulo para explicar a esquizofrenia segundo C.G. Jung, traçando o caminho que o psicólogo percorreu para criar a sua psicologia da esquizofrenia. A doutora afirma que “o verdadeiro distúrbio na esquizofrenia reside no colapso do ego e na invasão do campo do consciente pelos conteúdos do inconsciente” (SILVEIRA, 2015, p.108).

O caso que mais se encontrou no hospital foi o da força do inconsciente. Assim foi possível ser estudado nas imagens pintadas essa invasão, revelando o inconsciente coletivo como força de compensação ou resposta arcaica aos dramas vividos pelos pacientes. As imagens e impulsos recorrentes nestes indivíduos, em essência são dos mesmos conteúdos dos indivíduos sadios, mas no psicótico se apresenta de maneira abrupta e caótica.

Quando as emoções não encontram nenhuma forma de expressão, elas se introvertem, cindindo a psique até a sua estrutura básica. Estrutura essa que Jung (*apud* SILVEIRA, 2015) define como um tecido vivo energético que encerram disposições inatas para configurar imagens e ações instintivas, que seriam os arquétipos. Nise da Silveira (2015) também cita que Jung estrutura a psique à partir de vivências sociais primárias comuns a qualquer homem. Nise explica que é “do sedimento denso das experiências, imaginações e emoções coletivas que se destaca vagorosamente o indivíduo único” (SILVEIRA, 2015, p.115).

Quando ocorre alguma situação que acaba correspondendo a um determinado arquétipo, “(...) este arquétipo é ativado e uma compulsão manifesta-se com a força de um impulso instintivo” (JUNG *apud* SILVEIRA, 2015, p.18). O mundo externo e interno passa a não ter mais barreiras e o sonho começa a ser para o paciente mais real que o mundo externo. Os dois mundos se interpenetram a cada instante na vida do indivíduo, podendo ser observado de maneira subjetiva as manifestações em obras de arte, plásticas e literárias.

Perry (*apud* SILVEIRA, 2015) partindo desses conceitos e de suas observações como psiquiatra, chegou a conclusão de que todo esse processo da loucura seria uma tentativa de renovação total da psique, e que “(...) a loucura é talvez necessária, mas chega com uma força avassaladora” (PERRY, *apud* SILVEIRA, 2015, p.121).

Cita Nise (2015) que Jung afirmava que a cura para a esquizofrenia poderia acontecer por meios psicológicos. Os resultados da terapêutica ocupacional realizados nos hospitais psiquiátricos evidenciavam isso: era possível melhorar a situação mental até de indivíduos considerados completamente perdidos.

Para a Doutora Nise, não importa se as pinturas não contêm qualidade estética, mas sim se está proporcionando uma oportunidade para um livre desenvolvimento da imaginação e para que os indivíduos participem ativamente destes acontecimentos imaginários. Jung diz que não se trata de fazer arte, mas de produzir um efeito sobre si. E neste contexto, a arte passa a revelar não um fim em si mesma, mas uma espécie de catarse, de possibilidade de caminhar para dentro de si e redescobrir suas próprias entranhas.

A imaginação criadora escolhe um substancia para se revestir. Nise cita Gaston de Bachelard para dizer que a “(...) saúde de nosso espírito está em nossas mãos” (SILVEIRA, *apud* MELLO, 2015, p.177). Segundo Jung “pintar o que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós” (JUNG *apud* SILVEIRA, 2015, p145.)

Nesse processo, a arte torna-se a afirmação de uma condição humana universal que exige a realização de certos objetivos aos quais não se pode renunciar mais, abrindo a consciência para a necessidade de “matar” o velho homem como gesto gerador do homem novo (BRAGA, 2016). O indivíduo que antes era passivo diante das imagens que lhe vem à cabeça, toma papel ativo, agora luta com tinta e pincel por horas, tentando dar forma á essas imagens. Depois de um tempo o paciente passa a perceber que este ato o liberta de estados psíquicos que lhe causam sofrimento e passa por vontade própria a recorrer a estes meios, tornando-se independente de seu médico.

CONCLUSÕES

Pode-se concluir que razão e desrazão se separam por uma linha tênue criada na era clássica e que, nos casos de esquizofrenia, quando o indivíduo fica submerso no inconsciente, a comunicação se torna muito difícil se for verbal, sendo a arte uma forma de lhe oferecer expressões de vivências não verbalizáveis passando longe das elaborações da razão e da palavra. Neste contexto, a arte se torna uma maneira de

exteriorizar e reorganizar o mundo interno, dando-lhe vazão aos sentimentos. É uma batalha interna lutada com tintas, pincéis, formas e cores.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Eduardo Cardoso. **A catarse na arte contemporânea**: o corpo, seus ritos e cerimônias. Disponível em <http://www.edubraga.pro.br/art-design-environmental-art-land-art-performance-art-povera-art/o-corpo-seus-rituais-e-cerimonias-em-catarse-na-arte-contemporanea/> Acesso em 21 Ago 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira, caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Automática Edições Ltda, 2ª edição, 2015.

PELBART, Peter. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1ª edição, 1989.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1ª Reimpressão, 2015.